

Egas Francisco de Souza — pintor

Com as exposições individuais e simultâneas de Mário Bueno, Odila Mestriner e Egas Francisco, pretende-se iniciar uma série de mostras, de acordo com a intenção da Comissão de Artes Plásticas do Conselho Estadual de Arte, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, a fim de tornar melhor conhecida da capital a criação artística elaborada no grande interior fértil do Estado.

Nesta primeira seção de exposições individuais simultâneas de artistas do interior, no Paço das Artes, casualmente aparecem três pintores.

Contudo esta casualidade possui um sentido e, até certo ponto, é consequência do meio. Não resta dúvida que se a criação artística de um lado pode se avvantajar no meio provinciano do interior, favorecendo a introspecção; do outro pode ser prejudicada tanto pela falta de eco, levando o artista ao monólogo, quanto pelas maiores dificuldades na execução de certas técnicas.

Não queria, com estas palavras, dar a impressão errônea ao leitor de que a pintura e eventualmente o desenho apresentados por estes artistas sejam resultado da imposição do meio. Na realidade o efeito deste, pode ser notado apenas na desproporção entre os artistas que se dedicam à pintura e ao restrito número que abordam outras técnicas tradicionais ou mais recentes, desproporção esta que levou à tual coincidência. Ainda não desejaria que o leitor cometesse o mesmo engano praticado por muitos críticos, alguns até de renome internacional e inexplicavelmente considerados inteligentes e preparados, de exagerar desmedidamente a importância do meio no qual é fixada a imagem metafórica, ou seja, a técnica a serviço da criação artística. Um meio descoberto ou utilizado mais ou menos recentemente não tem o dom de transformar em algo de mais antigo ou mais recente a expressão original do artista. E esta originalidade, residiu na extravagância, mas pelo contrário, se identifica com uma solução profundamente ligada com as entranhas do artista que se exprime.

Uma linguagem fixada no vídeo pode ser tão realisticamente comestível com uma natureza morta do acadêmico Pedro Alexandrino e o meio tecnologicamente moderno não enriquecerá sua gasta e convencional visão doméstica. Com um grafito retirado de uma estação arqueológica do Paleolítico é possível exprimir as angústias do homem do século XX, que, após a procura secular de segurança, voltou a sair de casa com a constante incerteza da volta.

Uma natureza morta arrumada ao vivo é tão rica ou tão pobre, e provavelmente mais pobre do que uma pintada ou gravada, desenhada ou esculpida.

Estas últimas palavras tem sua razão exclusivamente na confusão teórica que domina na arte, como em outro setor do espírito e não pretendem e não precisam justificar a escolha feita pelos expositores que, no caso presente é resultado de uma profunda embora diferente, exigência cromática, consequência de vocação espiritual. Vocação que na calma do interior, afastada da polêmica entre as poéticas, desenvolveu-se na medida de sua originalidade.

Pedro Mamel

EGAS FRANCISCO

Nasceu em São Paulo, estudou em São Salvador, Bahia. Reside em Campinas, Estado de São Paulo.

Pioneiro na forma livre de ensinar crianças a pintar, usando de uma pedagogia renovada, onde a liberdade e o respeito à personalidade de cada criança se aliavam para despertar vocações artísticas, numa ânsia inconstante de renovação constante e, de uma busca eterna de pureza de formas. Assim, introduziu em Campinas uma escola, cujo resultado se faz sentir nas exposições e salões de arte de Campinas e de todo Brasil, aonde seus jovens alunos tem alcançado

um sucesso impar. Pintavam nas ruas, nos parques e jardins, viadutos e bosques, sempre em contato com a natureza, substituindo o lápis de cor, até então usado pelas crianças, pelo pincel e guache.

Assim, trabalhou oito anos no Departamento de Pintura Infantil do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, ministrando aulas e organizando as mostras da pintura infantil.

Assim também fez em outras entidades, tais como: Instituto D. Nery de Campinas, Conservatório Carlos Gomes, Conservatório Campinas e outros.

Organizou e lecionou um curso livre de pintura com meninos engraxates e jornaleiros, dando aulas gratuitas e o material de pintura.

Organizou ministrando também cursos de preparação de professores de pintura infantil, em várias instituições.

Exerceu o cargo de Diretor do Departamento de Pintura do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, promovendo várias exposições cursos em sua Galeria de Arte.

Com as crianças pintoras, organizou um intercâmbio entre o Japão e o Brasil, enviando para Tóquio a pintura de seus alunos e, recebendo de lá a pintura de crianças japonesas.

Fez várias palestras sobre arte em diversas entidades culturais bastando citar entre elas as seguintes: Instituto de Educação Carlos Gomes, Conservatório Campinas, Conservatório Musical Carlos Gomes, Colégio Ave Maria, Clube de Arte de Campinas, Instituto Cultural Brasil Estados Unidos, Rádio Ministério da Educação do Rio de Janeiro, Jardim de Infância «Chapeuzinho Vermelho», abordando temas importantíssimos entre os quais podemos mencionar: A criança e a Imagem; A criança e o grafismo; Sinais, Marcas e Símbolos; A Arte e a Comunicação; A pintura

e a trajetória; Do impressionismo ao Dadaísmo; Expressionismo na Pintura, e outras mais.

Participou de vários júris de Concursos, Salões, Concurso Estimulo, Salão do Artista jovem, Concurso de Desenho Infantil, patrocinado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

A pintura campineira vem mantendo de longa data uma posição destacada no panorama da arte brasileira contemporânea, pela continua renovação de seus valores, assim como pelo aparecimento contínuo de vigorosas personalidades novas. Egas Francisco já despertara a atenção da crítica desde a década de 60, como um dos jovens promissores surgidos na vaga figurativa que sucedeu ao abstracionismo informal. Hoje ele se impõe como um artista plenamente realizado, técnica e criativamente, tendo mantido a sua personalidade numa impressionante continuidade de desenvolvimento, e conseguindo chegar a uma forma pessoal de figurativismo plenamente atualizado, sem se deixar levar pela vaga do hiperrealismo e da imagem fotográfica, como não o fôra pela vaga pop da década de 60.

A natureza da pintura de Egas Francisco foi sempre determinada por seu interesse carinhoso pela pessoa humana em si, não se preocupando muito com o ambiente. Egas nunca foi essencialmente paisagista, ou pintor de naturezas mortas. Pintou os seres humanos e os seu sofrimento, numa empatia mais existencial do que psicológica. Por isso o seu realismo não foi expressionista nem impressionista, não foi pop nem hiperrealista. Refugiou-se da frieza dos anos do milagre econômico no convívio com as crianças, dedicando-se sobretudo em ensiná-las a viver humanamente. Nesses casos passou a da pintura a óleo às experiências com as tintas acrílicas, mais adequadas à descrição das desumanizações dum ambiente social em que a cordialidade e a liberdade iam sendo esquecidas.

Agora Egas sentiu que a onda da desumanização

refluía e que podia voltar ao óleo e à sua ternura, já que fora restaurado o chorinho. Podia diminuir a dimensão das telas e retornar o diálogo humano brasileiro na sua pintura, mais livre para continuar o caminho do seu mestre Pancetti, iniciado nos tempos do seu encontro a beira da lagoa de Abaeté, hoje enriquecido pelas sofridas experiências de duas décadas.

Mário Schenberg

«Egas Francisco me parece o mais solitário e atormentado artista de Campinas. Isso confere à sua obra características especiais. Características extremamente pessoais e facilmente identificáveis, como o seu traço e a sua cor. U e outro são contidos por uma rigorosa e admirável disciplina, mas soltos em suas vibrações.

Inútil (e de resto desnecessário) querer classificar a sua obra neste ou naquele «estilo», nesta ou naquela tendência estética.

Uma obra que nasce como um soco não pode ter explicações. Ela está aí, incomodando continuamente, denunciando coisas como um retrato tirado do álbum da família e colocado, com muito destaque, na sala de jantar».

Olney Kruse

Na Prefeitura da Cidade de Valinhos, ministrou um curso de arte além de organizar, juntamente com o artista plástico Thomas Perina, uma das mais expressivas mostra de arte.

Foi convidado para fazer parte do Conselho de Artistas Plásticos, pelo Museu de Artes Contemporânea de Campinas.

Também a convite da Bosch, participou da elaboração de sua folhinha para 1974, cujo quadro foi escolhido para abrir a obra e depois ficou exposto durante alguns dias no MASP.

Possue obras no México, Estados Unidos, na Embaixada do Brasil, na França além de muitas

outras que vem enriquecendo as coleções de particulares.

Fez várias exposições individuais, entre elas: 1960 — Expôs óleos e guaches na Livraria Macunaima, em São Paulo, tendo sido apresentada pelo cineasta Maurice Capovilla. — Expôs no Saguão do Teatro Municipal de Campinas.

1961 — Expôs na Galeria de Arte do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas.

1962 — Idem.

1963 — Expôs na União Cultural Brasil Estados Unidos de Campinas e de São Salvador.

1964 — Convidado pela Associação Brasileira de Recuperação Motora, na pessoa de Pauline Kaz, fez uma das suas mais expressivas exposições, conseguindo vender todo o acervo, em poucas horas após sua abertura.

1965 — Exposição no Joquei Clube de Campinas. Expôs na Galeria Klassik.

1972 — Expôs, a convite do Banco Italo Belga de Campinas, com grande êxito também, obras estas que eram financiadas pelo próprio Banco Italo Belga. — Ilustrou a capa do Suplemento do Diário do Povo de Campinas.

1973 — Convidado pela Prefeitura Municipal de Campinas fez uma exposição inaugurando a Galeria do Saguão do Paço Municipal.

Inaugurou o III Salão de Arte Infantil do Conservatório Carlos Gomes.

1974 — Inaugurou o XIII Salão de Arte Infantil do Conservatório Carlos Gomes. — Organizou, participou da 1ª exposição de Arte de Novos Valores, patrocinada pelo SESC. — Fez a cenografia e figurino para a peça «Pinochio» levada no SESC pelo Grupo Sia Santa».

Seu quadro «Boneco na prancheta» foi reproduzido em «poster» pela Escola de Artes Visuais em Paris.

Sua pintura tem gosto da noite e o colorido do dia. É figurativa dramática e de características pessoais inconfundíveis, plasmada a luz dos dramas humanos, sem com isso assumir aspectos literários. Tudo é feito numa linguagem pictórica, livre de filiações e modismos.

Participou de várias exposições coletivas, entre elas:

1963 — «Salão do Trabalho» na Galeria das «Folhas», patrocinada pela Federação dos Comércio do Estado de São Paulo, SESC e SENAC.

1966 — Salão de Arte Contemporânea de Campinas.

1967 — Inaugurou a Galeria Coreto, do Conservatório Musical Carlos Gomes.

1969 — Apresentou a exposição de seu aluno Arthur da Fonseca.

1970 — Participou do 1º Salão de Arte Contemporânea da cidade de Jaú.

1971 — Expôs na Galeria Girassol, em Campinas.

1972 — Participou do 1º Salão de Artes Plásticas na Ilha de Santa Catarina. — Juntamente com o Grupo Hoje, no Museu de Arte Contemporânea de Campinas. — Participou da 1ª Exposição de Artes Plásticas feita nas ruas de Campinas. — Participou de uma feira de arte em Valinhos. — Participou de um Leilão de Arte patrocinado pela revista «O Cruzeiro».

1975 — Participou do «Encontro Jundiaense»

1976 — Participou da última Bienal Nacional de Artes Plásticas.

1975 — Coletiva Bosch — MASP — S. Paulo

1977 — Trinta anos de arte moderna — MASP

1975 — Individual no Teatro Aliança Francesa — S. Paulo.

1975 — Fez parte do júri de um «happening» realizado no Coquejo Coração de Jesus, em Campinas.

1976 — Individual no Museu de Arte Contemporânea de Campinas.

1977 — Individual na Galeria de Arte do SENAC — Campinas.

ELABORADO POR:
Maria Luiza Pinto de Moura Ribeiro

